

RESENHA

O OLHAR DO IDOSO FRENTE AO ENVELHECIMENTO E À MORTE: UMA RESENHA DO FILME "ANTES DE PARTIR" (THE BUCKET LIST), DIRIGIDO POR ROB REINER, WARNER BROS., USA, 2007

Maria Clara Oliveira Câmara¹

Por que, para viver muito, é preciso experimentar a velhice e a morte? Por que não podemos escolher viver jovens para sempre? Que bom seria... Será?

Questões filosóficas à parte, que nem Freud, nem qualquer outro gênio da humanidade conseguiram explicar, resta-nos, como simples mortais, aceitar e lidar, da melhor forma possível, com estes dois temas tabus que inevitavelmente fazem parte do nosso viver.

O filme americano *Antes de Partir* (*The Bucket List*) aborda, com muita sensibilidade e propriedade, estes temas. Conta a história de dois homens muito diferentes que involuntariamente dividem o mesmo quarto de hospital. Ambos estão com câncer em estágio avançado, fogem do hospital e põem os pés na estrada com uma lista de coisas que gostariam de fazer antes de morrer. Eles se defrontam com o medo da morte, com as limitações da idade impostas pela doença. São 97 minutos de drama e aventura brilhantemente in-

¹ Psicóloga clínica, especialista em Educação em Saúde Pública, atua em clínica privada e na Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB), Itabuna, BA. E-mail: mariaclaracamera@hotmail.com.

terpretado por Jack Nicholson fazendo o papel do rico empresário Edward Cole e Morgan Freeman cujo personagem se chama Carter Chambers, um homem casado, que trabalha como mecânico.

A humanidade já vive hoje o dobro do tempo vivido por seus ancestrais. Com o controle do câncer, dos processos inflamatórios, assim como a evolução dos cuidados no trauma e o desenvolvimento de fármacos que adiam o envelhecimento, a ciência médica prevê que a espécie humana possa viver ainda mais - atingindo os 100 e até mesmo os 120 anos de idade -.

No filme, as diferenças entre os personagens - um negro e um branco, um rico e um pobre, um pacífico e o outro truculento, um dócil e generoso e o outro rancoroso e egoísta - a princípio geram muitos conflitos entre eles. A “*Bucket List*” (literalmente “lista do balde”, melhor traduzida por “lista da bota” ou “lista da morte”, da qual fazem parte todas as coisas não vividas) os aproxima de forma irremediável e intensa, fazendo nascer entre eles uma profunda amizade.

A expectativa de morte os toca tão profundamente que eles decidem realizar todos os desejos expressos em suas listas como se fosse uma despedida da vida. E de fato o é. Um deles realmente morre e o outro deixa morrer em si o que o impedia de viver plenamente a vida, saindo desta experiência um homem novo. Eles se divertem muito juntos vivendo grandes aventuras.

Os Indicadores Sociodemográficos e de Saúde do Brasil, em 2009, mostram que as doenças crônicas atingem 75,5% dos idosos – na faixa etária de 0 a 14 anos, a proporção é de 9,3%. As principais causas de morte para pessoas acima de 60 anos são as doenças

circulatórias, respiratórias e os tumores.

O filme, de forma encantadora e envolvente, mostra que sempre é tempo para ser feliz enquanto se está vivo. O expectador que acompanha o reencontro desses dois homens consigo mesmos é convidado a refletir sobre o sentido da sua própria vida. Os personagens se dão conta da dimensão espiritual da vida e se oportunizam viver cada dia como se fosse o último, fazendo as possíveis correções de rumo, mudando suas próprias visões de mundo.

Atendendo idosos há mais de 10 anos, tenho testemunhado as dificuldades e angústias das pessoas acima de 60 anos diante – literalmente - do espelho. Defrontar-se com a passagem do tempo e suas marcas é, para muitos, assustador e para alguns até mesmo fator desencadeante de quadros patológicos de ansiedade e depressão.

O uso do cinema como recurso terapêutico vem sendo estudado de forma sistemática no Brasil desde a década de 80. *The Bucket List* pode funcionar como estímulo para se trabalhar com pacientes idosos o tema velhice e finitude humana. A linguagem direta do recurso áudio-visual tem efeito imediato e pode funcionar como excelente remédio para acordar os desatentos e torná-los bons leitores das lições diárias da vida. Para os profissionais de saúde mental, filmes como este são uma excelente oportunidade de contemplar o ser humano em suas inúmeras possibilidades de existir e um importante instrumento para o cumprimento de sua missão de minorar o sofrimento daqueles cuja dor ele ajuda a carregar.

Prolongar a vida humana no período da senescên-

cia, em que o indivíduo está naturalmente mais frágil e vulnerável, tem, como se sabe, implicações econômicas e até mesmo éticas. Surge, neste contexto, um novo paradigma na saúde, na área da gerontologia e geriatria. A presença ou ausência de doenças deixa de ser um indicador importante de “envelhecimento saudável” e dá lugar à avaliação do grau de capacidade funcional mantido pelo indivíduo. A OMS define como incapacidade funcional a dificuldade promovida por uma deficiência para realizar atividades rotineiras e pessoalmente desejadas pelo indivíduo.

O impacto do envelhecimento populacional nas próximas décadas tem sido uma questão recorrente na agenda de encontros internacionais como o World Economic Forum. Em relatórios do último encontro em Davos, o envelhecimento da população mundial é apontado como a questão mais importante para muitas sociedades, suscitando a necessidade de que se desenvolvam projetos que atendam às demandas atreladas ao envelhecimento, tais como o remodelamento urbano, acesso à saúde e aos medicamentos e principalmente a busca de recursos para controlar o declínio da capacidade na vida senil.

Da “lista da bota” elaborada (e vivida) pelos personagens do filme - Edwards e Carter - constavam, entre outras coisas, aventuras inusitadas como saltar de pára-quedas, dirigir um Mustang, conhecer o Taj Mahal, as Pirâmides do Egito e as Muralhas da China.

O último relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dedica uma seção especial ao tema envelhecimento. De acordo com o relatório, a incapacidade funcional é avaliada frequentemente por meio da:

“declaração indicativa de dificuldade em atividades básicas da vida diária (cuidado pessoal) e em atividades instrumentais da vida diária, mais complexas, necessárias para viver de forma independente na comunidade”

As medidas de mobilidade fazem parte, também, da avaliação do declínio funcional, de acordo com o IBGE. Para o Brasil, pensar o envelhecimento populacional é emergente e urgente. Os números do IBGE divulgados em 2 de setembro deste ano reiteram que a participação da população idosa nos recursos do sistema de saúde é maior devido às internações mais frequentes, ao maior tempo de permanência no leito e à presença de multimorbidades nessa faixa etária. Os dados do IBGE também mostram que, à medida que a população idosa aumenta no país, diminuem as taxas de fecundidade e o que era uma pirâmide etária clássica, há cerca de 40 anos, vem se retangularizando ao longo das últimas décadas. As projeções apontam para uma inversão da pirâmide etária brasileira até 2050, com as bases muito estreitas, ou seja: poucos jovens. E uma população cada vez mais idosa.

O médico brasileiro Alexandre Kalache, ex-chefe do Programa de Envelhecimento e Saúde da OMS, em Genebra, instituiu o programa batizado como “Cidades Amigas das Pessoas Idosas”, que teve como piloto o bairro de Copacabana no Rio de Janeiro, em 2005, dando origem a um protocolo internacional que visa incentivar os gestores das cidades, mundo afora, a atentarem para as demandas que o envelhecimento implica e tornarem suas cidades mais adequadas

e responsivas às necessidades dos idosos. Trinta e cinco cidades, incluindo Nova York, Londres, Delhi e Moscou, já aderiram ao protocolo.

O Brasil deverá ser, em 2025, a sexta maior população idosa do planeta. “Não temos tempo a perder”, diz Kalache, lamentando que as pesquisas sobre a longevidade estejam sendo feitas sobretudo nos países mais desenvolvidos.

A mensagem do belo, divertido e emocionante filme “Antes de Partir” pode ser associada ao passaporte para o Paraíso proposto pelos egípcios, responder duas perguntas: “você teve alegrias em sua vida?” e “você fez alguma pessoa feliz?” Se ambas as respostas forem positivas, você entra.

O filme constitui-se, portanto, em uma ótima contribuição para auxiliar idosos a lidar melhor com a velhice, a finitude e a própria vida.

Se morrer é inevitável e a fila da morte é desorganizada, só nos resta viver. *The Bucket List* nos lembra que não devemos adiar a realização de sonhos e nos inspira para que busquemos desfrutar de toda a felicidade permitida “antes de partir”.

REFERÊNCIA

FICS JP, SANTOS A. **No avesso da tela: a** psiquiatria pelo cinema. São Paulo: Lemos Editorial, 2006.

POLIMENO A;, SANTANA V. O futuro da longevidade. **Revista Pesquisa Médica**, n. 12, 2009, p. 33-43.